

Infância, Natal e música

Adérito Silveira



Muitas vezes não importa sequer o que é o presente, o importante é o momento da partilha, do dar para receber...

Na minha infância, o Natal era a festa da família e dos amigos. Era a festa para um novo olhar do mundo esperando dos povos mais ricos uma forma solidária e amiga para com os países mais necessitados. Tantas vezes isso acontecia porque a festa de Natal fazia sentido e esperava-se por ela muito antes de Dezembro e nas conversas dos mais pequeninos as palavras pareciam falar com o olhar da esperança e da felicidade. A fantasia acontecia. Na minha infância o Natal também era a festa dos bolos, mas sobretudo dos presentes no sapatinho, ou dentro de um saquinho feito de ternura onde dentro dele moravam, por pouco tempo, pinhões ou amêndoas que nas suas variadas matizes haviam de criar fascínio na abertura fantasiosa do tal embrulho enigmático e rústico...

Era um Natal em que as pequenas prendas simbolizavam o amor terno e bom de quem as podia dar. E no frio agreste as pessoas juntavam-se à lareira, alegres no convívio em que os presentes eram o testemunho de um amor que todos sentiam uns pelos outros.

No calor da noite do dia 24 as lareiras cresciam e a suas chamas subiam mais alto e levavam pressa não se sabe para onde. Os olhos seguiam o seu caminho e as vozes, por vezes silenciavam-se tornando-se mais íntimas e amigas.

Havia espírito de Natal porque também se ouvia muita música da quadra e bastante música clássica e Schubert era um dos meus preferidos. Franz Schubert dava-me repouso e conforto espiritual. A nostalgia melódica da sua arte funcionava como bálsamo de união e confraternização. A “Viagem de Inverno “era a simbologia desse mesmo espírito congregador. Schubert escreveu o ciclo de canções” A Viagem de Inverno” no penúltimo ano da sua vida breve e atribulada. O poema dessa música

reflete a amarga solidão de um viajante que, sem evitar o destino, parece procurar a sua última morada. No entanto, são muitas as lembranças de um passado feliz pontuadas por belíssimas descrições da natureza da época natalícia em que a família era o elo mais forte e o cenário era o rústico das casas protegidas pelo conforto da lareira.

Ao longo de vinte e quatro canções, são muitas as emoções e os cenários que o viajante atravessa mas a sua alegria de continuar a viver prendia-se com a possibilidade de um dia voltar a sentir a magia do Natal encostado à ressoadora voz de um amigo. O viajante sabia que havia um mundo novo onde as pessoas eram amigas e solidárias. Ele não desistia em encontrar mundos diferentes daquele onde tinha vivido tantos anos. Pessoas que só pensavam nelas próprias desconhecendo o sentido altruísta das coisas. “Precisamos de um mundo novo” dizia ele entre sussurros e ais.

Não é novidade que o mundo contemporâneo está terrivelmente injusto e desigual. Perigoso por isso. A crise não é conjuntural ou estrutural, mas tão só sistémica. É urgente repensar a pessoa humana.

O que na verdade precisamos é de uma nova sociedade onde o espírito de justiça e a lembrança diária do Natal ressoem nos nossos sentidos. Uma sociedade onde a palavra solidariedade se faça ouvir do coração. Precisamos de um reavivar de sentido de Natal. Um Natal em que a família e amigos façam por estar perto uns dos outros e que possam a cada momento trocar palavras recheadas de verdade e incentivo. Muitas vezes não importa sequer o que é o presente, o importante é o momento da partilha, do dar para receber, do percebermos que alguém tirou algum tempo do seu dia para escolher algo especial para nós. O Natal pode ser isto e muito mais. Mas terá de ser também tempo de luz e fraternidade. Vislumbre de gestos de humanidade em olhares imbuídos de halo e coração amigo para com os nossos semelhantes.

aderito.silveira@hotmail.com